

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE PEDAGOGIA

ROSANA POSSAMAI GUOLLO

**PERCEPÇÕES DAS EDUCADORAS NO BERÇÁRIO: ENTRE O
CUIDAR E O EDUCAR**

CRICIÚMA, JULHO DE 2010.

ROSANA POSSAMAI GUOLLO

**PERCEPÇÕES DAS EDUCADORAS NO BERÇÁRIO: ENTRE O
CUIDAR E O EDUCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. MSc. Graziela Fátima Giacomazzo

CRICIÚMA, JULHO DE 2010.

ROSANA POSSAMAI GUOLLO

**PERCEPÇÕES DAS EDUCADORAS NO BERÇÁRIO: ENTRE O CUIDAR E O
EDUCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Teoria e Prática Pedagógica.

Criciúma, 07 de julho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Graziela Fátima Giacomazzo - Mestre - (Unesc) - Orientadora

Prof^a. Gislene Camargo Dassoler -Especialista - (Unesc)

Prof^a. Mirozete Iolanda Volpato Hanoff – Especialista - (Unesc)

*Em primeiro lugar dedico a meu namorado e parceiro Marcel Tavares...
Para meus pais Egidio Guollo e Nadir Terexinha Possamai Guollo...
Para meus irmãos Fabricio e Marcela...*

Neste momento não existem palavras para expressar quanto essas pessoas são importantes para mim, como são indispensáveis para a minha vida. Deus me abençoou com estas pessoas tão maravilhosas que sem dúvida são a razão do meu existir. Meu especial agradecimento a vocês.

Te amo Família Querida.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me dar força, proteção, saúde e coragem para não desistir no meio do caminho.

À meu namorado e companheiro Marcel Tavares, que esteve sempre ao meu lado, sua paciência, sua calma, seu carinho, e principalmente seu amor, é que ajudaram muito nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais Nadir e Egídio, aos meus irmãos Fabricio e Marcelo, que são meu porto seguro, sempre.

À Creche Morada da Alegria, pela oportunidade de pesquisa e importância em minha vida.

Às minhas amigas do curso, que foram mais que colegas, foram grandes amigas e parceiras. Vocês sempre ficarão em meu coração.

Aos mestres de graduação da Unesc, que se dedicaram para que nossa formação fosse também um aprendizado de vida.

À minha orientadora, a Prof^a. MSc. Graziela Fátima Giacomazzo, que com muita paciência, seriedade e sabedoria, muito me ensinou durante a realização desta pesquisa.

“Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.”

Leonardo Boff

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de contribuir para o estudo sobre a percepção das educadoras de berçário: entre o cuidar e o educar, por meio de uma pesquisa realizada com algumas educadoras de berçário da rede municipal de Cocal do Sul e Criciúma, e uma instituição da rede particular de Criciúma. O objetivo é compreender a percepção das educadoras de berçário frente ao seu trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil. Para tanto, a pesquisa caracterizou-se como descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, onde os dados foram analisados a partir do referencial teórico fundamentado em diversos autores. Para a coleta dos dados preparou-se um questionário constituído por 8 perguntas de natureza aberta e 6 perguntas fechadas. O resultado da pesquisa evidenciou que, as educadoras de berçário entendem o seu trabalho pedagógico, como sendo de suma importância para o desenvolvimento dos bebês. Assim, suas práticas são desenvolvidas baseadas em planejamentos, o que evidencia que o trabalho no berçário não é somente cuidar, e sim necessita de um planejamento que englobe o cuidar e o educar. Porém esta pesquisa levantou uma nova problemática que envolve as educadoras de berçário, que é a falta de valorização do trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Cuidar. Educar. Berçário. Educadoras.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

ACT – Admitido por Caráter Temporário

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL	12
2.1 Infância: histórico e conceitos	12
2.2 O Espaço da Educação Infantil	15
3 EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR	18
3.1 Ser Educadora na Educação Infantil.....	18
3.2 Cuidar e Educar na Educação Infantil (0 a 3).....	22
4 HISTÓRICO E FUNÇÃO SOCIAL DA CRECHE E DO BERÇÁRIO.....	26
4.1 O Surgimento das Creches no Brasil	26
4.2 Importância Social e Pedagógica do Berçário.....	28
5 METODOLOGIA.....	32
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	34
6.1 Identidade das Educadoras de Berçário	34
6.2 Pedagogia e Educação Infantil: opção ou condição	35
6.3 O Trabalho Pedagógico no Berçário.....	36
6.4 Entre o Cuidar e o Educar.....	39
6.5 Valorização do Trabalho no Berçário	40
7 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE - A	48
Apêndice A – Termo de consentimento de entrevista Educadoras/Berçário ...	49
APÊNDICE - B	50
Apêndice B – Roteiro de entrevista Educadoras/Berçário	51

1 INTRODUÇÃO

Ser educadora não é uma tarefa muito fácil, ser educadora em um berçário é mais complexo, pois além de exigir um planejamento especial que respeite as individualidades e particularidades das crianças, este é dividido entre o educar e os cuidados necessários com cada bebê como higiene, alimentação, descanso entre outros. Eu, como fui educadora de crianças em nível de berçário, muitas vezes, me perguntei sobre o trabalho que realizava, ou seja, se estava cuidando ou educando.

Pensando em minhas dúvidas e, com certeza, de muitas educadoras de berçário, senti a necessidade de abordar a temática “o cuidar e o educar”, presentes no fazer pedagógico, em especial na educação infantil a nível de berçário. Segundo Ortiz (2007, p. 12), “o professor que atende bebês e crianças pequenas precisa comprometer-se com o bem estar e o desenvolvimento integral das crianças e com a qualidade do que apresenta a ela, fazendo uma relação indissociável entre educar e cuidar”.

A discussão desse tema / problema é de suma importância para nós educadoras de berçário para que possamos investigar e compreender o cuidar e o educar no trabalho desenvolvido no berçário e poder planejar as atividades de acordo com aquilo que acreditamos que realmente fará a diferença para nossas crianças.

Acredito que são muitas as contribuições que esta pesquisa pode trazer para o trabalho das educadoras de Educação Infantil, especialmente de 0 a 3 anos. Entre elas cita-se uma maior valorização de sua profissão e assim mais respeitadas e reconhecidas pela própria instituição bem como os pais, e também, uma maior valorização de si mesma. Quero contribuir para a qualificação das educadoras, na compreensão das necessidades das crianças entre o cuidar e o educar.

Esse tema mostra-se inovador, pois poucas são as pesquisas voltadas para este nível, o berçário. Ao analisar a relação dos Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, observei que apenas dois aproximam-se do que estou propondo, ou

seja, existe dois trabalhos¹ que abordam indiretamente o berçário e o trabalho pedagógico nele desenvolvido. Já a respeito da percepção das educadoras em relação ao seu trabalho pedagógico, observo que algumas pesquisas se aproximam da minha problemática, mas em outros níveis e áreas.

Nessa perspectiva é que foi escolhido o tema a nível de berçário, voltado às educadoras que ali trabalham, afim de compreender a percepção destas, entre o cuidar e o educar. Assim a indagação central que justifica essa pesquisa é: Qual a percepção das educadoras de berçário frente ao seu trabalho pedagógico? A partir do problema configurou-se como objetivo geral da pesquisa: Compreender a percepção das educadoras de berçários frente ao seu trabalho pedagógico nas Instituições de Educação Infantil. Os objetivos específicos são: Conhecer o significado do trabalho pedagógico no berçário para as educadoras; Identificar em que momentos as educadoras de berçário percebem que estão cuidando ou educando; Verificar se as atividades propostas pelas educadoras promovem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças; Identificar se as educadoras de berçário sentem-se reconhecidas na sua prática pedagógica nas instituições de educação infantil.

Para a realização desta pesquisa, a partir da problemática original, foram selecionadas três instituições de educação infantil que possuem turmas a nível de berçário, sendo duas da rede municipal, uma do município de Cocal do Sul e a outra do município de Criciúma, e uma da rede particular do município de Criciúma.

Essa pesquisa vincula-se à Linha de Pesquisa: Teoria e Prática Pedagógica a qual busca refletir e problematizar as teorias e práticas pedagógicas vivenciadas nos contextos educativos. O Eixo Temático norteador é o Processo de Ensino-Aprendizagem, onde se discute as relações de ensino-aprendizagem, produzidas nas escolas ou ambientes equivalentes. Enfatiza as diferentes concepções e implicações no processo de ensino-aprendizagem como suporte para a prática pedagógica.

Este trabalho foi organizado em capítulos, nos quais são desenvolvidas reflexões sobre, concepção de infância e educação infantil; educação infantil: entre o cuidar e educar; e por fim histórico e função social da creche e do berçário.

1 OLIVEIRA, Cinthia Correa de. **Entre fraldas e mamadeiras**: o papel da rotina na educação infantil. UNESC, 2008.

DIAS, Claudia. A visão que os pais tem sobre o trabalho das professoras de Berçário. UNESC, 2009.

Descreve-se após a metodologia utilizada, a análise dos dados da pesquisa articulada com o referencial teórico. Por último, são feitas as considerações finais deste trabalho.

2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

O presente capítulo constitui-se de dois subtítulos denominados: Infância: histórico e conceitos e o Espaço da educação infantil.

2.1 Infância: histórico e conceitos

Historicamente já tivemos muitas concepções de infância. Basta olharmos a literatura e as imagens das crianças ao longo dos tempos. Compreender a infância enquanto categoria social implica considerá-la enquanto produtora de cultura. “As culturas infantis assentam nos modos de vida das crianças e estes se caracterizam pela heterogeneidade produzindo, assim, não uma cultura de infância, mas o caráter plural dos sistemas simbólicos.” (SANTA CATARINA, p.50, 2005).

Portanto, não se pode pensar em uma única infância, pois esta reflete as variações da cultura humana, sendo que numa mesma sociedade existem e são construídas diferentes infâncias. Esse é o resultado da variação das condições sociais em que as crianças vivem. A criança não é um ser isolado, ela se constitui nas relações sociais, nos mais diferentes tempos e espaços presentes em sua vida, e essas vivências e convivências culturais e sociais, dependem do tempo histórico em que se situam as crianças e mudam de cultura para cultura.

O conceito de infância sofreu muitas mudanças desde o seu surgimento no século XII, onde a infância era apenas uma fase de transição, sem importância, e as crianças não eram reconhecidas como seres de sentimentos e ações, não havia lugar para as crianças nesse mundo, eram caracterizadas como homens em miniatura, ou seja, era um mundo de representações onde a infância era desconhecida. (ÁRIES, 1981, p. 51).

A análise das modificações dos significados relacionados a infância tem sido realizado à luz das mudanças ocorridas nas formas de organização da sociedade, o que contribui para uma maior compreensão do contexto infantil no presente (KRAMER, 1995). O conceito de infância é uma construção histórico-social que se desenvolveu ao longo de um período extenso da história, juntamente com transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Este não se desenvolveu

ao mesmo tempo e nem do mesmo modo em todos os lugares, pois uma sociedade possui diferentes classes sociais e culturais com concepções e necessidades de vida diferentes.

Na época anterior ao nascimento do conceito de infância, na sociedade feudal, a infância era considerada uma fase de transição rápida e sem importância, que logo seria superada. Naquele período também havia um alto índice de mortalidade infantil como consequência de pestes e condições precárias de higiene (KRAMER, 1995).

Foi então, por volta do século XVI, com as grandes mudanças nas formas de organização da estrutura social e econômica que marcaram o período de transição entre feudalismo e capitalismo, que nasceu o conceito de infância, denominado por Áries (1981), “papa-ricação” e a “moralização”.

Assim,

O sentimento de infância resulta, pois numa dupla atitude com relação à criança: preserva - lá da corrupção do meio, mantendo sua inocência e fortalecê-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão. Considera-se a partir desse conceito, que todas as crianças são iguais (conceito único) correspondendo a um ideal de criança abstrata, mas que se concretiza na criança burguesa. (KRAMER, 1995, p. 18).

No primeiro conceito, denominado de “papa-ricação”, a criança era vista pela sua ingenuidade, um olhar mais familiar, como alguém que precisava de cuidados e proteção de sua família. No segundo conceito denominado de “moralização”, a criança era vista como um ser incompleto que precisava ser educada pelo adulto.

Para Áries (1981), o sentimento/conceito de infância não significa afeição pelas crianças, corresponde à consciência das particularidades infantis, que distingue do adulto, mesmo jovem. E para Kramer (1995, p. 15), “entende-se, comumente, criança por oposição ao adulto: oposição estabelecida pela falta de idade ou de maturidade e de adequada interação social” .

Entretanto, a definição deste limite está longe de ser simples, pois o fator idade, está associado e determinando os papéis e desempenhos específicos. E esses desempenhos dependem estreitamente da classe social em que está inserida a criança. Sua participação no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no interior da família e da comunidade, as atividades

cotidianas (das brincadeiras a tarefas assumidas) se diferenciam segundo a posição da criança e de sua família na estrutura socioeconômica.

De acordo com Brasil (1998, p.21):

A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio.

Hoje, a definição do período da vida designado à criança, é de até doze anos de idade, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente. Quando se trata de determinar as “idades” da infância, não há consenso nem mesmo nas legislações, pois esta concepção muda de acordo com os diferentes tipos de sociedade, culturas, comunidades, e pode mudar até mesmo no interior de uma mesma família. Sarmiento e Pinto (1997 apud SANTA CATARINA, 2005, p.45), esclarecem que:

Considerando que esta categoria social se estabelece por efeito exclusivo da idade (e não da posição social, da cultura ou do gênero), podemos considerar que o estabelecimento desses limites é uma questão de disputa política e social, sendo indiferente ao contexto em que se coloca, nem ao espaço ou ao tempo da sua colocação.

Numa concepção de infância atual, é preciso considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos, principalmente para os educadores e educadoras contemporâneos, que necessitam ter uma visão ampla, como compreender que as crianças são sujeitos sociais e históricos, cidadãos que possuem direitos e deveres e que produzem culturas e nela estão inseridas. A concepção histórico-cultural, entende que a partir desta perspectiva, pode-se ver o mundo do ponto de vista das crianças e compreendê-las, lembrando sempre que, o ser humano é um ser histórico, pois ele tem infância. (KRAMER, 2006, p.15).

Hoje temos uma concepção de infância que vem de um mundo globalizado e uma sociedade capitalista, onde a forma de pensar e viver é fortemente determinada pelos meios de comunicação de massa, principalmente a internet e a televisão. No entanto, se apresenta para a criança uma vida com hábitos de adultos, no pensar, no vestir, no agir, no estudar, enfim, isso nos remete a uma realidade, e que também alguns autores chegam a afirmar que é o “fim da infância”.

2.2 O Espaço da Educação Infantil

A educação infantil vive um período muito rico e efervescente de idéias e debates. Assim, como de clareza sobre a importância fundamental das boas e enriquecedoras experiências que as crianças devem ter nessa etapa inicial da vida, nas quais são determinantes de muitas de suas competências e habilidades para o resto da vida. (ORTIZ, 2007).

A educação infantil como primeira etapa da educação básica tem como um dos objetivos “estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social”. (BRASIL, 1998, p.63).

Em função disso, a creche merece ter uma estrutura e um funcionamento mais adequado, assim como profissionais mais bem preparados e remunerados, com um melhor nível de conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. Segundo o Plano Nacional de Educação:

Se a inteligência se forma a partir do nascimento e se há "janelas de oportunidade" na infância quando um determinado estímulo ou experiência exerce maior influência sobre a inteligência do que em qualquer outra época da vida, descuidar desse período significa desperdiçar um imenso potencial humano. Ao contrário, atendê-la com profissionais especializados capazes de fazer a mediação entre o que a criança já conhece e o que pode conhecer significa investir no desenvolvimento humano de forma inusitada. (BRASIL, 2001, p. 9).

A educação das crianças de zero a cinco anos em estabelecimentos específicos de educação infantil vem crescendo no mundo inteiro e de forma bastante acelerada, seja em decorrência da necessidade da família de contar com uma instituição que se encarregue do cuidado e da educação de seus filhos pequenos, principalmente quando os pais trabalham fora de casa.

A função da Educação infantil é propor práticas baseadas em princípios que priorizem a autonomia da criança no seu processo de desenvolvimento. Essas considerações implicam abordar uma educação nas instituições de educação infantil que não se reduza ao “ensino”, que privilegie somente os aspectos cognitivos no trabalho com “conteúdos”, mas uma educação que priorize o desenvolvimento sujeito/criança, em suas múltiplas dimensões, traçando objetivos que contemplem também o cuidado. (MARTINS; OLIVEIRA, 2003).

Nos textos de Kramer (2005), há uma proposta diante de um mundo globalizado, que é preciso pensar na institucionalização da infância, como capaz de diminuir as desigualdades entre as populações infantis e certificar-se de que as crianças são de fato importantes. Valorizando assim, a educação infantil como:

A compreensão dessa etapa da educação como um direito da criança, portanto, a ampliação da oferta para atender à demanda como parte de uma política para a infância, e a ressignificação de suas funções, práticas, rotinas, objetivos, formação dos profissionais etc. A institucionalização de fato e de direito deve ser capaz de romper com a história de exclusão, ou seja, para que se configure uma nova institucionalidade. (KRAMER, 2005, p. 210).

Essa proposta luta para que todas as crianças tenham acesso a educação infantil, não apenas como forma de deixar as crianças para que os pais possam trabalhar, e sim, compreender que a educação infantil traz diversos benefícios às crianças, por ser um espaço de interações, socializações e principalmente de troca com o outro, de conhecimento, de experiências, e que seja compreendido como um lugar de acesso à diferentes produções culturais e podendo assim, ser um dos caminhos para diminuir as desigualdades.

A preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos. Isso fez com que, “polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento” (BRASIL, 1998, p. 24), trouxesse à tona questionamentos pertinentes aos educadores da educação infantil.

Embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para crianças pequenas deve promover a interação entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais das crianças, considerando que esta é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um desses aspectos. (FOREST, 2002).

Segundo o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, podemos ver que a forma de construir o conhecimento é bastante particular com relação às crianças, pois:

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações

que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças. (BRASIL, 1998, p.21-22).

Por isto, o trabalho das educadoras da educação infantil especialmente do berçário é tão importante, pois é a partir da interação que as mesmas estabelecem com as crianças, que elas desenvolvem seu trabalho pedagógico.

3 EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR

O presente capítulo constitui-se de dois subtítulos denominados: Ser educadora de educação infantil e Cuidar e educar na educação infantil (0 a 3).

3.1 Ser Educadora na Educação Infantil

Ser educadora não é uma tarefa muito fácil, ser educadora na Educação Infantil e ainda no berçário é mais complexo, pois além de exigir um planejamento especial que respeite as individualidades e particularidades das crianças, este é dividido entre o educar e os cuidados necessários com cada bebê como higiene, alimentação, descanso entre outros.

Como toda instituição de educação, a creche tem como função básica educar crianças levando em conta as diferentes culturas das quais são provenientes para poder articular os diversos contextos de vivências e aprendizagens. Isso requer um olhar sobre as tarefas de cuidar e educar como sendo básicas da creche, que devem ser indissociáveis nos serviços educacionais prestados à criança pequena e que já pode ser considerada como uma dualidade, na área da educação infantil. (TRISTÃO, 2004, p.153).

Porém uma das questões a ser pensada e discutida diz respeito às educadoras de bebês, pois diante da forte presença do cuidar nos processos de educar, elas sentem-se reconhecidas na sua prática pedagógica nas instituições de educação infantil? Essa é uma pergunta bastante importante, pois se observarmos uma turma de berçário, na prática do atendimento nas creches, observa-se uma visão de menosprezo ao cuidado e uma valorização do aspecto educativo, o que dá origem à idéia de que o cuidado pode estar sendo negligenciado ou realizado às custas da insatisfação das educadoras.

Ao discutir sobre as educadoras da educação infantil, responsáveis pela educação e cuidado de crianças de 0 a 5 anos em contextos educativos, é necessário um entendimento sobre o papel dessas profissionais, e também

conhecer um pouco sobre a legislação que as regulamenta para atuarem nesse campo da educação.

Há pouco mais de 20 anos, no plano federal, as estratégias educacionais eram mais voltadas para as crianças de 4 a 6 anos, após a Constituição em 1988, houve o reconhecimento do direito de todas as crianças de 0 a 6 anos à educação como dever do estado na oferta de creches e pré-escolas para tornar real este direito (KRAMER, 2005, p. 18). Com isso houve uma necessidade de criar políticas para a formação de profissionais para atuarem nessa área.

No princípio, segundo o Plano Nacional de Educação, a formação mínima inicial desses profissionais era apenas habilitação específica de nível médio para poder exercer o magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. Para o estado, tendo a obrigação de ofertar a educação infantil em creches e pré-escolas, houve então a necessidade de investir na formação dessas profissionais, por meio da oferta de cursos, tanto para as educadoras quanto para as auxiliares. (KRAMER, 2005, p. 19).

Com base na nova LDB (1996), a educação infantil como primeira etapa da educação básica, passou a ser reconhecida como parte do Sistema Municipal de Educação, ou seja, os municípios que tinham creches e pré-escolas na área de assistência social, precisavam integrar suas redes públicas ao seu sistema municipal de educação. Com essas mudanças podemos evidenciar que,

[...] não se faz por simples determinação legal; é um processo gradativo e exige reestruturações que vão das regulamentações dos Conselhos Municipais de Educação (CME), reorganização dos Sistemas Municipais de Educação (SMEs) e a locação de recursos físicos (instalação, equipamentos, materiais) e financeiros à qualificação, formação, ao plano de carreira, ao vínculo empregatício, entre outros, dos profissionais que trabalham na educação infantil. (KRAMER, 2005, p.21).

Assim em Cocal do Sul, um dos municípios onde será realizada a pesquisa, os educadores da educação infantil, devem ser formados em curso de nível superior (licenciatura de graduação plena) admitida com formação mínima à oferecida em nível médio (modalidade normal). Segundo estudos de Zoia Prestes² incluindo o meio urbano e rural, temos, de um total de 94.038 profissionais de

² ² Pedagoga formada pela Universidade Estatal de Pedagogia de Moscou (Rússia), doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, membro do Fórum de Educação Infantil do Rio de Janeiro e do Distrito Federal.

creche, 1,2% (1.204) com o fundamental incompleto e 3,9% (3.714) com o fundamental completo. Nas pré-escolas, de um total de 309.881 profissionais, também incluindo o meio urbano e rural, são 0,3% (1.173) com o fundamental incompleto e 1,6% (5.170) com o fundamental completo. “Isso, a meu ver, não só compromete a qualidade das ações desenvolvidas com e para as crianças, mas evidencia também um descompromisso das políticas públicas com o exercício de uma profissão das mais importantes: o de professor (a) de crianças de até 6 anos”. (PRESTES, 2009).

Outro dado que remonta sobre a história do atendimento à criança no Brasil, e evidencia-se nesta pesquisa é ser um atendimento essencialmente feminino, relacionado com as questões de gênero, confundem-se as funções desta educação com funções maternas que são delegadas às mulheres em nossa sociedade e, um pouco mais tarde, “com a questão econômica, quando a mulher, em função do empobrecimento da classe média e da mobilização dos movimentos feministas, entrou no mercado de trabalho.” (PRESTES, 2009).

Após todas as mudanças do sistema educacional, influenciadas pelas mudanças sociais, a formação dessas educadoras da educação infantil começou a ser discutida, bem como sua função.

Segundo Brasil (1998, p.41):

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve.

O profissional de educação infantil é aquele que sabe mediar as experiências da criança pequena de modo a contribuir positivamente para o seu desenvolvimento e sua aprendizagem. Ele auxilia a criança a utilizar as suas diferentes linguagens para aprender sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca, assim como simbolizar suas experiências e expressar o que sente sobre ela.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e direito das crianças de zero a seis anos de idade (LDB, 1996), se é dever do Estado e opção da família assegurar a educação da criança a partir do seu nascimento, as instituições

de educação infantil têm uma especificidade que as torna diferente da família e da escola e que devem, devido à especificidade da faixa etária de suas crianças, desenvolver atividades ligadas ao cuidado e a educação dessas crianças.

Segundo Ortiz (2007, p. 12), “o professor que atende bebês e crianças pequenas precisa comprometer-se com o bem estar e o desenvolvimento integral das crianças e com a qualidade do que apresenta a ela, fazendo uma relação indissociável entre educar e cuidar”.

A professora de creche, a professora de pré-escola, é uma profissional diferente dos professores dos outros níveis de ensino. Há uma necessidade de que as professoras desenvolvam ações pedagógicas que as envolvam mais com as crianças, como sentar com elas no chão para cantar e contar histórias. Essas atividades não devem ser vistas como passatempos, mas sim como parte integrante do processo de aprendizagem.

A qualidade das interações ocorridas no interior das instituições de educação infantil, especialmente de 0 a 3 anos, interações essas que contribuem para o desenvolvimento afetivo, motor, emocional da criança, depende da qualificação e do perfil das profissionais que trabalham junto com crianças de berçário. As educadoras da educação infantil, precisam aprender a ser educadoras de crianças pequenas, ou seja, compreender a sua função social e conhecer as concepções de desenvolvimento infantil, e principalmente ter clareza das relações que constituem tal desenvolvimento.(ORTIZ, 2007).

Não tem mais como trabalhar com crianças pequenas utilizando-se apenas dos conhecimentos resultantes das experiências próprias, como a maternidade ou advindas do senso comum, pois o professor representa o elo mediador entre a sociedade e infância na constituição do processo educativo da criança. Tem que saber superar a dicotomia educação / assistência, levando em conta o duplo objetivo da educação infantil de cuidar e educar.

Segundo Vitta (2004), “as profissionais de berçários devem assumir um duplo papel: o de quem cuida das crianças e o de educadora, que contribui ativamente para seu desenvolvimento global”. Por isso é de suma importância que as profissionais que atuam no berçário tenham um conhecimento maior sobre o desenvolvimento infantil, que é um dos fatores que determina a qualidade do atendimento à criança.

Exatamente por esse duplo papel e juntamente com outros fatores, está o maior motivo das insatisfações dessas profissionais, podemos observar nos Referenciais para a Formação de Professores que:

Nos últimos anos, a desqualificação profissional sofrida pela categoria de professores tem sido grande e se verifica principalmente na progressiva deterioração dos salários, na diminuição dos *status* social e nas precárias condições de trabalho. (BRASIL,1999, p.31).

Sendo assim, pelo fato das profissionais que trabalham no berçário além de educar ter que cuidar das crianças, não se sentem na maioria das vezes valorizadas, pois infelizmente ainda há um pré-conceito de que trabalhar em berçário é apenas trocar fraldas, dar banho, alimentar e colocar para dormir.

3.2 Cuidar e Educar na Educação Infantil (0 a 3)

Para algumas educadoras o fato de trabalhar e se referir ao cuidar separadamente do educar, já demonstra que as duas são ações diferenciadas, e que não caminham juntas. Porém outras educadoras não vêem essas ações separadamente e entendem que há uma relação, pois são funções básicas da educação infantil, em especial da creche.

Essas diferenças entre as atividades com um perfil mais educativo e as atividades de cuidado, revelam que ainda precisamos ver a criança como sujeito de direito, e por isso deve ser cuidada e educada (CERISARA, 1999). Há de se considerar que elas dependem dos adultos para sobreviver, e também passam muito tempo dentro das instituições de educação infantil (10 a 12 horas diárias).

Compreender essa diferença entre cuidar e educar, é essencial para o trabalho educativo na educação infantil. Muitas educadoras de berçário, ficam em dúvida e se perguntam sobre o trabalho que realizam, se estão cuidando ou educando?

O histórico das instituições de educação infantil permite perceber uma valorização da função pedagógica das atividades cotidianas das creches e pré-escolas. Essa valorização do pedagógico foi necessária, porém colocou em evidência o ensino, a transmissão de conhecimentos como meta final da educação

infantil, antecipando ou reproduzindo as já criticadas práticas do ensino fundamental. As atividades de cuidado sucumbiram diante dessa tendência reducionista de entender o pedagógico, sendo, pois, desvalorizadas. Assim, parece não estar clara a concepção de criança como sujeito de direitos, que necessita ser cuidada e educada (CERISARA, 1999).

Para entender um pouco mais o ato de cuidar e educar, busquei subsídios no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, onde esclarece que:

O ato de educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. [...] Cuidar da criança é, sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades, ou seja, cuidado na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação. (BRASIL, 1998, p.23).

Todas as formas de cuidado são essenciais para a criança pequena, já que é através do outro, daquele que dela cuida, que tomará contato com suas primeiras impressões sobre o mundo, experimentando sensações agradáveis ou desagradáveis. Desse modo, é importante que sejam tocadas, acariciadas e respeitadas. A base do cuidado refere-se ao respeito à criança, como ser único e especial. Aprender a ver cada criança na sua amplitude e especificidade, como um ser íntegro, faz parte do cuidar, o empenho em ajudá-la a se desenvolver como ser humano também.

O ato de cuidar deixa de ter uma conotação assistencialista e pode adquirir um caráter educativo se for visto como um momento privilegiado de interação entre criança-criança e criança-adulto (SILVA apud TRISTÃO, 2004). Assim, a hora do banho na creche pode servir ao interesse pedagógico ou educativo de reconhecer as partes do corpo, mas também pode ser um intenso momento de prazer, de sentir a água batendo no corpo, de estar limpo, de estar sem roupa, livre, de ver as demais crianças sem roupa, de poder explorar seu corpo e o do outro, de sentir o contato com a pele.

O mais importante no cuidado humano, é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a

desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio, que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos (SIGNORETTE apud FOREST, 2002).

Segundo Veríssimo e Fonseca (apud TRISTÃO, 2004, p. 154), as professoras de berçário:

Entendem as atividades de cuidado como parte de seu papel, mas sentem-se frustradas, porque identificam que seu fazer não é reconhecido como educativo e as atividades relacionadas ao corpo da criança são discriminadas também por profissionais formados para atuar na área da educação, inclusive pelas trabalhadoras das creches.

Segundo documentos que orientam o trabalho das educadoras da educação infantil como o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, educar e cuidar são indissociáveis, devem caminhar sempre juntos. Porém, com tantos questionamentos, publicações, na fala e na própria prática das educadoras, essa união parece confusa, separada, dividida.

Essa diferença é evidente, se conversarmos separadamente ou observarmos uma turma de berçário, onde possui uma educadora, e uma auxiliar. Fica claro que há uma diferença entre as funções vistas como educativas e que estão sob responsabilidade das educadoras, daquelas vistas como de cuidado, estas ao encargo da auxiliar de sala.

O cotidiano de uma turma de berçário é baseado em atividades pré-estabelecidas e rotineiras, segundo Ostetto (2008), nas instituições de educação coletiva o trabalho no berçário, caracteriza-se por ser composto de momentos cadenciados, tácitos e rotineiros, que são vivenciados pelas educadoras sem uma compreensão.

Há de certa forma uma semelhança entre os trabalhos desenvolvidos pelas educadoras de berçário com os trabalhos desenvolvidos pelas mães no cuidado com seus filhos, ou seja, o trabalho doméstico. Cerisara (1999) reflete que a creche é o espaço privilegiado para o choque entre o espaço público e o espaço doméstico. Atender crianças pequenas, para quem as atividades de cuidado são fundamentais, é o ponto que mais faz com que este embate aconteça.

Esse conflito gerado por causa das semelhanças que existem entre o trabalho doméstico e o trabalho das educadoras de crianças pequenas pode levar à

idéia de que as educadoras que ali atuam devam apenas zelar pela higiene, pela alimentação e pelo sono dos pequenos, revelando a dicotomia entre cuidar e educar.

Temos que compreender que trabalhamos com bebês, crianças pequenas e totalmente dependentes de um adulto para tudo, e principalmente, compreender que estamos lidando com crianças inteiras, mente, corpo e cognição. Por esse motivo não temos como separar o cuidar do educar no atendimento de crianças de berçário. A realização da função pedagógica não pode ser cumprida caso não se propicie o bem-estar infantil. Assim, perceber o cuidado como função subsidiária e de apoio ao papel educativo, ambas devem estar sempre juntas.

Porém, para que ocorra maior valorização no trabalho desenvolvido no berçário, penso que podemos argumentar sempre que o trabalho com as crianças pequenas é centrado na higiene, no cuidado sim, mas podemos identificar sinais que possam demonstrar que a dimensão pedagógica do processo educacional começa no berçário, dizendo que se as crianças apreciam materiais escritos como livros, rótulos, encartes, revistas e outros isto se relaciona fortemente com o contato e motivação que receberam quando estavam no berçário.

A tarefa de cuidar de crianças pequenas em creches e pré-escolas não é simples, não basta gostar de crianças para desempenhá-la. Cuidar exige preparo, formação, exige educadoras, profissionais para lidar com crianças pequenas.

4 HISTÓRICO E FUNÇÃO SOCIAL DA CRECHE E DO BERÇÁRIO

O presente capítulo constitui-se de dois subtítulos denominados: O surgimento das creches no Brasil e Importância social e pedagógica do berçário.

4.1 O Surgimento das Creches no Brasil

As creches surgiram no Brasil no século XIX e desempenharam um papel assistencialista e filantrópico, visto que sua principal função era a de guarda, protegendo a criança e preservando-a de viver uma situação de extrema miséria. Sendo assim, não exigiam profissionais qualificados e, muitas vezes, os únicos requisitos necessários eram gostar de crianças e saber cuidá-las fisicamente, como podemos ver nas afirmações de Cerisara (1999, p.13): “as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação, sono das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas”. Porém com o passar do tempo outras atribuições foram sendo somadas a essas, e a creche passou a desempenhar também uma função social.

Em muitos registros históricos e bibliográficos, podemos evidenciar essas mudanças relacionadas à função social das creches, uma delas é a conquista dos direitos das mães trabalhadoras para ter um local seguro e de qualidade para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Outro momento foi promovido pelas inúmeras pesquisas de campo da psicologia do desenvolvimento, com isto a creche ganhou uma importância social e uma viabilidade maior, passando a ser considerada um espaço privilegiado para o desenvolvimento infantil.

Porém, segundo Oliveira (2005), a história da educação infantil em nosso país tem acompanhado a história dessa área no mundo. Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como em creches ou parques infantis praticamente não existia no Brasil. Bebês abandonados pelas mães, filhos ilegítimos de moças pertencentes à família com prestígio social, eram recolhidos nas “rodas dos expostos”, existentes em algumas cidades do Brasil desde o início do século XVIII.

A partir da segunda metade do século XIX, com o fim da escravatura, houve a necessidade de criar entidades de amparo, para os filhos de escravos que não teriam condições de escravos como seus pais. Assim como forma de varrer o problema para debaixo do tapete foram criadas creches, asilos e internatos, visto na época como instituições assemelhadas e destinadas a cuidar de crianças pobres (OLIVEIRA, 2005).

Foi então que surgiu o jardim-de-infância, um modelo estrangeiro, onde muitos criticavam e outros defendiam, foi nesse momento histórico que apareceram algumas posições em face à educação infantil que se arrastaria até hoje, “o assistencialismo é uma educação compensatória aos desafortunados socialmente. Planejar um ambiente promotor da educação era meta considerada com dificuldade” (OLIVEIRA, 2005, p.93).

Sendo assim, iniciaram-se as tarefas ou compromissos de serem elaboradas,

[...] leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos; regulamentar o serviço das amas de leite; velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender as crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas;[...] (KRAMER, 1995, p.52).

Então a creche era vista como um mal necessário, pois separava a mãe da criança, causando carência afetiva, mas ao mesmo tempo era necessária no combate à mortalidade infantil, não deixando de serem planejadas como instituições de saúde. Na falta das creches as mães que trabalhavam entregavam seus filhos para criadeiras, pessoas ignorantes que moravam em favelas. Na maioria das vezes essas crianças ficavam em condições desumanas, e mesmo assim, elas cobravam muito dinheiro (OLIVEIRA, 2005).

Já na década de 70 e 80, o aumento da demanda por pré-escolas incentivou o processo de municipalização da educação infantil pública, e o atendimento educacional promovia o desenvolvimento infantil desde o nascimento, onde dava destaque à criatividade e à sociabilidade, houve também uma maior valorização do atendimento fora da família à criança de idade cada vez menor. Segundo Oliveira (2005, p. 11), “esse trabalho assumiu, então, caráter pedagógico voltado para atividades de maior sistematização, embora a preocupação com medidas de combate à desnutrição continuassem a perpassar o atendimento às crianças”.

Nesse período evidenciou-se o questionamento feito pelos educadores sobre as funções da creche e da pré-escola, onde buscavam romper com concepções meramente assistencialista ou compensatórias acerca dessas instituições, propondo-lhes uma função pedagógica que enfatizasse o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças (OLIVEIRA, 2005).

Todos esses fatos prepararam o ambiente para a aprovação da nova LDB, Lei 9394 / 96, que estabelece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A educação infantil é oferecida então em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade, e pré-escolas para as crianças de quatro a cinco anos de idade, ambas consideradas instituições de educação infantil.

4.2 Importância Social e Pedagógica do Berçário

Há alguns anos, as instituições de educação infantil tinham como uma das funções básicas, cuidar de crianças enquanto as mães não tinham onde deixar seus filhos e precisavam trabalhar fora, então recorriam a estas instituições. O trabalho desenvolvido era apenas cuidado com os pequenos, as instituições de educação infantil eram caracterizadas como assistencialistas.

Hoje, muitas instituições estão se conscientizando da importância do trabalho com crianças desde o berçário. Segundo Vitta (2004, p. 8), “o berçário tem por objetivo principal suprir, junto à criança, as necessidades básicas que deveriam ser atendidas pelas famílias”. Porém o berçário não se resume somente as atividades de cuidado às crianças, e sim educar criando situações significativas de aprendizagens.

É necessário que o berçário possua uma rotina que oriente o trabalho dessas educadoras, bem como situa as crianças na organização do tempo e do espaço. Segundo Batista (apud TRISTÃO, 2004, p. 42), entende-se a rotina como:

Estrutura gerenciadora do tempo e do espaço da creche e, que, muitas vezes, obedece a uma lógica institucionalizada nos padrões da pedagogia escolar que se impõe sobre as crianças e sobre os adultos que vivem grande parte do seu tempo de suas vidas naquela instituição. Uma concepção de criança-bebê que ultrapasse a visão de um ser “de quem já se sabe tudo a respeito” exige um olhar diferenciado dos adultos em relação aos momentos da rotina, uma “rotina” que leve em conta os anseios dos pequenos.

O trabalho desenvolvido pelas educadoras de berçário e as atividades de rotina, são as grandes responsáveis por promover a relação entre a criança e o ambiente que a cerca. Através dessas atividades, a criança organiza suas sensações e suas ações sobre os objetos e pessoas, dando significado as situações cotidianas, o que possibilitará construir uma idéia de mundo.

As rotinas da maioria das turmas de berçários, são práticas baseadas no papel de cuidar, pela própria especificidade dessa faixa etária. As educadoras de berçário não deveriam considerar isso como um entrave, e sim como uma característica da educação infantil nessa faixa etária. Segundo Vitta (2004, p.10), “historicamente e culturalmente a criança pequena é vista como um ser que deve ser cercado de cuidados de modo a proporcionar um desenvolvimento sadio”.

Sendo assim podemos considerar que o cuidado na rotina do berçário na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. (BRASIL, 1998).

Pensando nos bebês que com poucos meses de vida vão para as creches podemos afirmar que o berçário pode ser um lugar de desenvolvimento pleno, de promoção da vida, mas também pode ser um lugar de educação para a submissão e a conformação. (TRISTÃO, 2004).

Segundo Tristão (2004) ao deixar um bebê com as fraldas sujas, chorando, sem interações, sem oportunidades de conhecer e explorar o mundo que o rodeia, estamos passando para esse ser humano tão jovem, a idéia de que seus desejos e necessidades não precisam ser atendidos. Estamos ensinando para este bebê a se conformar com situações desconfortáveis, a ser passivo com uma realidade cruel.

A cultura que se transmite, nessa situação, está colaborando com os estereótipos de que pobre não deve contestar ou que deve se conformar com um ambiente pouco confortável e estimulante, inculcando a idéia de que o atendimento na

creche não é mais do que mero favor, portanto, não precisa de qualidade.(TRISTÃO, 2004).

Então, educar uma criança no berçário, significa promover um crescimento integral do indivíduo e também desenvolver a solidariedade, a capacidade de enxergar o outro e a tolerância para com outros modos de ser, de modo a ter respeito e responsabilidade para com os demais. (TRISTÃO, 2004).

A prática pedagógica junto ao berçário tem características bastante particulares. O trabalho com bebês “não aparece” dentro da instituição. As crianças não produzem concretamente nada. Grande parte do tempo, em um berçário, é dedicado as atividades de rotinas, tais como: a chegada dos bebês, a alimentação, a troca, o banho, e descanso, que com frequência não tem o seu valor como atividades reconhecidas pelas educadoras que ali trabalham, não sendo então refletidas e avaliadas. (OSTETTO, 2008).

No imaginário das profissionais da educação e até mesmo de pessoas que não estão ligadas diretamente a educação, há a noção de que deve haver a produção de algo para estar caracterizado um processo educativo, “bem de acordo com a noção de sociedade capitalista em que vivemos, que valoriza os resultados como lógicas estruturantes”.(TRISTÃO, 2004, p. 40).

Os bebês se comunicam chorando, engatinhando, se arrastando e sorrindo, diante disso as educadoras devem identificar quais os momentos que cabe ou não a sua intervenção, possibilitando assim, um trabalho de caráter intencional, organizado qualitativamente. No primeiro ano de vida:

Predomina a dimensão subjetiva do movimento, pois são as emoções o canal privilegiado de interações dos bebês com o adulto e mesmo com outras crianças. O diálogo afetivo que se estabelece com o adulto, caracterizado pelo toque corporal, pelas modulações da voz, por expressões cada vez mais cheias de sentidos, constitui-se em espaços privilegiados de aprendizagens. A criança imita o parceiro e cria suas reações: balança o corpo, bate palmas, vira ou levanta a cabeça etc...(BRASIL, 2001, p.21).

Para os bebês atividades em papel como pintura, colagem e recortes não fazem sentido, pois os mesmos não conseguem fazer associações da realidade com esses materiais como as crianças maiores. Para os bebês se apropriarem do mundo físico e social eles precisam de espaços para se movimentar, se olhar, engatinhar, andar, experimentar, mexer, atividades simples mas que terão um resultado a longo prazo.

O professor de berçário deve cantar, gesticular com as crianças pois isso facilita a linguagem. A educadora de berçário deve ter seu trabalho baseado na observação, afim de perceber se os bebês estão passando por essas fases sem dificuldades, ela será a mediadora para o acesso do bebê entre o imaginário com o real.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida, a partir da problemática original, em três instituições de educação infantil que possuem turmas a nível de berçário, sendo duas da rede municipal, uma do município de Cocal do Sul e a outra do município de Criciúma, e uma da rede particular do município de Criciúma.

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma perspectiva básica, que tem como objetivo gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática imediata. Já a forma de abordagem do problema ocorreu dentro de uma perspectiva qualitativa para melhor análise do problema e preocupação com a qualidade das entrevistas. A abordagem qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. (SILVA, MENEZES apud ACAFE, 2005, p.25).

Para poder compreender a percepção das educadoras de berçários frente ao seu trabalho pedagógico nas Instituições de Educação Infantil acima citadas, fez-se necessário uma pesquisa de campo, exploratória.

A pesquisa exploratória familiariza o pesquisador com a realidade e o problema, segundo Gil (apud ACAFE, 1991, p. 45), geralmente na pesquisa exploratória o pesquisador trabalha com “levantamento bibliográfico, entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, e análise dos exemplos que estimulem a compreensão”.

O tipo de pesquisa inicialmente utilizada, foi bibliográfica como fonte de embasamento teórico. Após utilizou-se a pesquisa de campo, onde a coleta de dados foi feita através de um questionário com 14 itens (APÊNDICE B), sendo 8 perguntas abertas e 6 fechadas. Os sujeitos da pesquisa foram 10 educadoras que trabalham no berçário, sendo que seis (6) delas trabalham em Centros de Educação Infantil da rede pública municipal e quatro (4) em Centros de Educação Infantil da rede privada. A coleta de dados foi realizada no mês de abril do ano corrente. Foram contatadas as educadoras e posteriormente distribuídos envelopes nas instituições. Os mesmos foram devolvidos após três (3) dias.

Para tanto, foi firmado com os sujeitos, participantes da pesquisa de campo, um termo de consentimento (APÊNDICE A), onde estes autorizaram a publicação das informações. Os nomes das participantes da pesquisa serão preservados, sendo usado assim um pseudônimo. Também será utilizado o levantamento bibliográfico para relacionar a teoria produzida sobre o assunto com os dados obtidos. Posteriormente, será realizada a análise das informações, a partir do referencial teórico.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo abordará a análise das entrevistas realizadas com 10 educadoras que trabalham no berçário, seis (6) delas trabalham em Centros de Educação Infantil da rede pública municipal e quatro (4) em Centros de Educação Infantil da rede privada. Na análise das respostas cada educadora será identificada como P1M, P2M, P3M, P4M, P5M e P6M de Centros de Educação Infantil da rede pública municipal e P7P, P8P, P9P e P10P de Centros de Educação Infantil da rede privada.

Com a intenção de compreender a percepção das educadoras de berçários frente ao seu trabalho pedagógico nas Instituições de Educação Infantil da rede pública e privada dos municípios de Cocal do Sul e Criciúma definiu-se as seguintes categorias de análises dos dados:

6.1 Identidade das Educadoras de Berçário

As educadoras que participaram desta pesquisa são todas mulheres dentro de uma faixa etária entre 22 e 53 anos e que atuam na Educação Infantil em média 9,7 anos, o que pode ser considerado uma boa experiência em Educação Infantil, sendo que no Berçário essa média cai para 3,75 anos. Quanto a formação constata-se que ainda há educadoras nesta área atuando em turmas de educação infantil e que não possuem formação mínima exigida conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 que trata dos Profissionais da Educação :

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.(BRASIL, 1996, Art. 62)

Percebe-se que ainda hoje a formação dos professores na Educação Infantil, apresenta muitas lacunas e dificuldades, há ainda uma parcela de profissionais que atuam na Educação Infantil com a formação abaixo da desejada.

A maioria das educadoras entrevistadas possuem ensino superior completo, apenas a educadora P8P possui Ensino Médio completo e a educadora P9P, possui Magistério. Quanto as outras formações as entrevistadas P2M, P3M e P5M possuem Especialização em Psicopedagogia, P1M e P6M possuem Especialização em Educação infantil e Séries Iniciais, P10P possui Especialização em Práticas Multidisciplinares e Gestão e P4M, P7P, P8P e P9P não possuem nenhum tipo de Especialização.

6.2 Pedagogia e Educação Infantil: opção ou condição

A primeira questão que responderam no questionário foi sobre por que optaram pelo curso de pedagogia. Por meio das respostas percebeu-se que as educadoras P1M, P4M e P7P responderam que já eram educadoras, porém não tinham cursado o ensino superior, optaram então pelo curso de Pedagogia para se aprimorar, ter mais conhecimento na área, na profissão. A educadora P7P acrescenta ainda: “achei necessário me qualificar profissionalmente, como quero continuar trabalhando nessa área, concluí que deveria fazer o curso de Pedagogia, pois assim me manteria qualificada, adquirindo o saber teórico e almejando uma oportunidade melhor, como sou hoje professora”.

As educadoras P5M e P6M, foram sucintas ao responder que sempre sonharam em ser professoras, a educadora P2M, respondeu que optou pelo curso de Pedagogia por gostar muito de criança, acrescenta ainda “para entender melhor o que elas pensam, por que as mesmas possuem ações involuntárias, o que elas desenvolvem e como elas desenvolvem-se perante uma intervenção”. As educadoras P8P e P9P não possuem ensino superior, a educadora P10P, optou pelo curso por influência das amigas e da irmã que já era professora e a educadora P3M optou por buscar uma realização “pessoal e profissional”.

Quando foram questionadas se foi opção trabalhar em uma turma de berçário, as educadoras P2M, P4M, P5M, P6M, P7P, P9P, responderam que sim,

foram suas opções trabalhar com o berçário. Já as educadoras P1M, P3M, P8P e P10P não foram por opção mas sim por vagas que estavam disponíveis, porém a educadora P1M acrescenta que “por ser professora ACT (Admissão por Caráter Temporário), e se pudesse escolher ficaria no berçário até me aposentar, amo trabalhar com bebês”.

6.3 O Trabalho Pedagógico no Berçário

Essa categoria se constitui de três perguntas com a intenção de analisar como está organizado o trabalho pedagógico das educadoras no berçário, como elas avaliam, e propõem as atividades para seus bebês.

Por meio das respostas percebeu-se que as educadoras P1M, P2M, P4M, P7P, P9P E P10P têm seus trabalhos organizados a partir de projetos, planejamentos, alguns anuais, semanais e outros mensais, citam também o registros diários e semanais. As educadoras P3M e P5P, citaram como orientador do trabalho no berçário a rotina, pois para elas a mesma envolve o cuidar e educar dentro de um contexto pedagógico, além de registro e planejamento as educadoras P9P e P10P citaram também a rotina como forma de orientar o dia a dia no berçário. As educadoras P1M, P10P e P7P salientam a importância da pesquisa sobre assuntos relacionados ao berçário como facilitador na prática pedagógica. A educadora P6M respondeu que “é através de brincadeiras que mediam a interação com as crianças”, já a educadora P8P não respondeu a essa questão.

A educadora P3M acrescenta ainda que “dentro de um contexto pedagógico no berçário, o trabalho envolve o lúdico, brincadeiras, ações e improvisos”. E a educadora P10P, diz que “o trabalho pedagógico no berçário não pode ser muito extenso, pois os bebês se entediam facilmente, porém são muito curiosos”.

A importância do registro diário, podemos encontrar em vários trechos de livros de autoras e também educadores, que registram suas práticas diárias. Segundo Ostetto, (2008 pág. 15), “o registro diário é apontado como um documento reflexivo do professor, espaço na qual pode marcar suas incertezas, assim como

suas conquistas e descobertas. Dessa forma o educador vai tomando o seu fazer nas mãos, responsabilizando-se pela sua própria formação”.

Registrar vai além de escrever no papel, o que aconteceu naquele dia, pois é a partir do registro do acontecimento, que nós educadoras podemos analisar e rever os fatos e tentar melhorar a cada dia a partir do vivido. Ele é pessoal, é anotar do meu jeito, ou seja, este registro é avaliativo.

O ato de observação do professor, lhe remete a olhar para si, no sentido de se avaliar como educador dentro da sala de aula, observando suas ações e também das crianças, dos acontecimentos em grupo e a interação entre eles, e assim fazendo o registro atento, e revendo suas práticas diariamente.

A segunda questão abordada no questionário dentro desta categoria é sobre quais atividades destacam como mais importantes no Berçário, as educadoras P1M, P4M, P5M, P7P, P8P, P9P, e P10P citaram apenas atividades que envolvem músicas, histórias, dramatização, imitação, brincar e cantar com fantoches, atividades com sucatas, atividades em frente ao espelhos, estimular a criatividade e curiosidade.

Já as educadoras P3M e P6M relacionaram suas respostas ao cuidar e educar, que devem estar presentes sempre e em qualquer atividade, onde P3M cita que “as atividades que se baseiam na necessidade da criança, começando pelo seu bem estar, como a simples troca de fraldas, deixando a criança segura e feliz. A hora da papinha, onde ela aprende que precisamos comer para poder brincar. A hora da brincadeira, seja ela uma história bem contada, uma brincadeira de roda, cantar, o parque e outras”.

A educadora P2M respondeu que: “penso que não se tem uma atividade única importante, todas as atividades bem executadas e elaboradas permitem que os bebês comece a aprender, descobrir e ampliar seus conhecimentos. Dessa forma, evidencia-se a importância das ações planejadas, respeitando o cuidado e a aprendizagem do bebê”.

Através destas respostas, podemos ver que a maioria das educadoras consideram como mais importante no trabalho desenvolvido no berçário atividades relacionados com a brincadeira, músicas, histórias, dramatização.

Percebe-se que nas atividades citadas pelas educadoras P1M, P4M, P5M, P7P, P8P, P9P, e P10P falta a compreensão de que em uma turma de berçário não há uma hora específica destinada a atividade, e sim, todos os

momentos são atividades, como nas trocas afetivas com adultos na hora do banho, na alimentação, na troca de fraldas. Isso faz parte de uma das especificidades da Educação Infantil, para lidar com bebês, e é a característica primeira da instituição que os atende: prover-lhes cuidados e educação.

Com relação a avaliação do desenvolvimento e a aprendizagem dos seus bebês, a educadora P2M respondeu baseando-se em autores conhecidos, onde cita: “Como diz Perrenoud, ‘Bem antes de regular as aprendizagens, a avaliação regula o trabalho, as atividades, as relações de autoridade e a cooperação em aula e, de certa forma, as relações entre família e a escola ou entre profissionais da educação’. Para esse como podemos perceber, ele expressa a idéia de avaliação formativa. Apesar de esta não ser nenhuma novidade, continua sendo difícil torná-la uma regra nas práticas cotidianas de avaliação”. Assim ela expressa que seu pensamento em relação a avaliação de seus bebês é que deve ser como um processo de acompanhamento, reflexão e registro das transformações que acontecem com os mesmos, garantindo um resultado consequente e com qualidade.

As educadoras P1M, P3M, P4M, P5M, P6M, P8P e P9P limitaram-se em responder que avaliam através da observação do dia a dia, e também no registro. Já as educadoras P7P e P10P além da observação e registro também lembraram da importância para a avaliação dos bebês os conhecimentos prévios dos estágios de desenvolvimento dos bebês.

O papel da avaliação na Educação Infantil é ser um instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem seguidos, ou seja, ela deve ser diagnóstica e processual assumindo uma postura que subsidiará e construirá o processo de ensino-aprendizagem de cada criança.

Antes de qualquer coisa a avaliação não pode ser considerada um instrumento para medir o quanto a criança aprendeu nem tampouco é uma forma de julgar, reprovar ou aprovar uma criança. Alguns princípios devem subsidiar as práticas avaliativas das professoras dentro das instituições de educação infantil, como um olhar observador, anotações frequentes e significativas sobre as manifestações de cada criança, ações mediadoras, diálogos frequentes e sistemáticos entre educadores que lidam com as crianças e os pais ou responsáveis. (COCAL DO SUL, 2007, p. 59).

Esses princípios possibilitam ao professor fazer uma análise do processo de desenvolvimento individual da criança através dos relatórios de avaliações

semestrais. Por isso a importância do ato de observar e registrar, pois eles se tornam a principal documentação do professor. A avaliação é uma documentação do professor, da escola e da criança.

6.4 Entre o Cuidar e o Educar

Essa categoria se constitui de uma única pergunta com a intenção de analisar qual a percepção das educadoras frente ao seu trabalho pedagógico, entre o cuidar e o educar. As respostas foram bem parecidas, onde evidenciam-se a postura e os conhecimentos das educadoras.

As respostas da maioria das educadoras foram iguais, exceto da educadora P9P, a mesma cita em sua resposta: “educar, pois me preocupo com o repasse de conhecimento e as normas de comportamentos, de cumprimento de regras para serem bons cidadãos”. A educadora P9P mostra todo seu desconhecimento sobre o assunto e uma visão tradicional da educação numa concepção empirista de aprendizagem, onde não há construção do conhecimento, apenas o repasse deste, o sujeito da aprendizagem é passivo, ou seja apenas receptor das informações, o que dificulta a interação entre as crianças e a educadora.

Na Educação Infantil não existe repasse de conhecimento, ou melhor em nenhum nível da educação, a aprendizagem das crianças pequenas dentro das instituições, principalmente no berçário, ocorre em todos os momentos. Segundo Martins Filho (2006), o bebê no seus primeiros anos de vida está descobrindo o mundo, tudo para ele é muito novo, nesse período está tendo suas primeiras impressões sobre o que é ser humano, por isso a importância de fomentar experiências ricas, diversificadas e estimulantes.

A educadora P4M afirma que cuida e educa ao mesmo tempo, pois não tem como separar. E a educadora P8P, entende as atividades de cuidado como troca, alimentação e educar como ensinar normas de comportamentos e respeito aos colegas. As educadoras P1M, P2M, P3M, P5M, P6M, P7P e P10P entendem que o cuidar e o educar são um conjunto necessário para que haja o desenvolvimento da criança, todas afirmam que não há como separá-los, e na

grande maioria citam que: “cuidando você está educando”. A educadora P1M vai além, quando cita: “Faço as duas coisas e muito mais, cuido, educo, ensino e preparo essas crianças para enfrentar o mundo que nos cerca”, mostrando um entendimento que o trabalho desenvolvido no berçário pode ir além do cuidar e educar, que seja interativo no intuito de se construírem novos significados, que as atividades ainda possam ser produtivas, para que o bebê, por meio delas, relacione-se com o mundo e o compreenda.

De acordo com a atual LDB (9394/96), Educação Infantil deve cuidar e educar, e o importante é que as instituições sejam pensadas não como substitutas da família, mas como ambiente de socialização diferente da família, onde nela se dá o cuidado e a educação das crianças.

Cuidar e Educar de acordo com as novas diretrizes, devem caminhar juntos possibilitando que ambas as ações construam na totalidade a identidade e a autonomia da criança. Está presente na LDB, no artigo 29 que “pode-se caracterizar a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Por isso a importância de que o cuidar e o educar estejam indissociáveis como uma das especificidades da educação infantil. Pois além do cuidado e o bem estar das crianças, é imprescindível oportunizar sua participação em uma ação educativa onde estejam presentes: a ludicidade, a interação, as brincadeiras, o imaginário, as experiências, além do desenvolvimento de múltiplas capacidades.

6.5 Valorização do Trabalho no Berçário

Esta categoria procura compreender como as educadoras de berçário sentem-se frente ao seu trabalho no berçário, como é visto dentro da instituição, pelos colegas educadores e coordenação. O primeiro questionamento dentro desta categoria é se as educadoras sentem-se valorizada pelo trabalho desenvolvido no Berçário? Como e quem valoriza?

As respostas obtidas foram diversas, como podemos perceber as educadoras P1M e P2M, responderam que sim, sentem-se valorizadas pelo trabalho desenvolvido no berçário, recebem constantemente elogios dos pais, e principalmente da gestora da instituição, onde a mesma está sempre presente, orientando, elogiando e principalmente incentivando-as para crescerem cada vez mais na profissão. Ambas ainda citam o reconhecimento por parte dos pais, no sorriso das crianças e também pela Secretaria de Educação do Município, pois há uma divulgação dos trabalho desenvolvidos no berçário e também das outras turmas em um jornal local.

As educadoras P7P e P10P citaram que o maior reconhecimento delas é por parte das crianças, com os avanços nos seus desenvolvimentos, com o carinho recebido diariamente. A educadora P3M citou apenas valorização por parte dos pais, uma certa gratidão por um bom trabalho com seus filhos. As educadoras P4M e P5M citaram um reconhecimento por parte das colegas da instituição. A educadora P6M se auto valorizou, dizendo que gosta do que faz, e as educadoras P8P e P9P não responderam a essa questão.

Ao questionar sobre como o trabalho no Berçário é percebido pelas outras educadoras e coordenação, as respostas também foram as mais variadas, onde as educadoras P10P e P7P responderam que hoje em dia não cuidam apenas, mas também educam, e as educadoras que trabalham no berçário tem a mesma graduação de outros educadores, as responsabilidades são as mesmas, as cobranças são as mesmas. As educadoras P1M, P3M, P4M, P5M, P6M e P9P consideram o reconhecimento bom. A educadora P8P, considerou o reconhecimento regular, onde cita: “tanto eu como as minhas colegas tentamos fazer o possível para agradar tantos os pais como colegas e coordenação”. E a educadora P2M procura ter o seu trabalho bem organizado e elaborado, “na qual busco a construção de uma proposta pedagógica de qualidade.”

A autora Sonia Kramer (2005) em seu livro Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação, aborda claramente esse aspecto de valorização e formação das educadoras da educação infantil. Em alguns trechos ela fala sobre a desqualificação intelectual das educadoras. O fato das mesmas não participarem da elaboração de uma proposta, ou não terem autonomia para realizar suas atividades, isso faz com que as educadoras como podemos ver nas respostas do questionário,

não se sentem valorizadas e apenas algumas citam o reconhecimento pela gestora ou coordenação.

O professor aparece como um sujeito tutelado, que depende da aprovação e/ou do consentimento do coordenador pedagógico para realizar algum tipo de inovação em sua sala de aula, e, ao mesmo tempo, há, na fala dos formadores, uma crítica à tendência dos professores, tanto na formação continuada quanto na inicial, de esperar “receitas de bolo”, dicas de como agir nas situações de sala de aula. (KRAMER, 2005, p. 157).

Atualmente os educadores parecem não serem reconhecidos como profissionais com autonomia, seja sobre seu fazer, seja sobre a sua própria formação, o que nos faz refletir, que nós educadores contemporâneos, podemos lutar para que isso não aconteça conosco, pois está acontecendo por falta de instrução, de leitura, de formação continuada, falta de autonomia, e certeza de que o trabalho que desenvolve no seu dia a dia está correto, pois é isto que prevê a documentação que norteia o trabalho pedagógico dos educadores da educação infantil.

7 CONCLUSÃO

A conclusão de um trabalho faz surgir sentimentos antagônicos, porém congruentes. Depara-se com a satisfação de apresentar alguns resultados da pesquisa, com a sensação de cumprimento. Por outro lado, sabe-se que ainda muitos questionamentos ficaram no caminho, questões complexas que necessitam muitos estudos e outras pesquisas. Porém, se faz necessário concluir este trabalho apresentando o que foi possível ser feito com qualidade, disciplina e ética.

A pesquisa e os estudos realizados nesta pesquisa possibilitaram ampliar as informações e o conhecimento, que se mostravam limitados no início do mesmo. Partindo de uma dúvida pessoal da pesquisadora sobre o fazer pedagógico no berçário, entre o cuidar e o educar, foi possível de alguma maneira sanar esses questionamentos. Nesta pesquisa foram contemplados alguns conceitos como a dualidade do cuidar e o educar, a qualificação, o perfil e o papel das educadoras de berçário, como também a importância social e pedagógica do berçário.

Por meio dos resultados da pesquisa realizada com as educadoras de berçário, percebeu-se que a maioria entende que o cuidar e educar devem ser indissociáveis, e que seu trabalho pedagógico nas turmas de berçário já contemplam essa especificidade. Diariamente as educadoras utilizam-se de metodologias diversificadas porém que englobam o cuidar e o educar.

Para conhecer o significado do trabalho pedagógico no berçário para as educadoras, foram feitos questionamentos acerca da avaliação, metodologias e organização do trabalho pedagógico, percebe-se então que as educadoras no seu cotidiano no berçário entendem que o trabalho não é somente orientado para o cuidar, por isto seus trabalhos são organizados a partir da construção de projetos pedagógicos, planejamentos semanais e mensais, por meio dos registros semanais e mensais. Isso mostra que o trabalho no berçário é planejado pela maioria das educadoras que entendem a importância desta ação além de incluir o cuidar e o educar como práticas indissociáveis.

Ao verificar as atividades elaboradas pelas educadoras no berçário e se as mesmas promovem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, concluímos que a maioria das educadoras que participaram da pesquisa, citaram atividades que envolvem músicas, histórias, dramatização, imitação, brincar, cantar

com fantoches, atividades com sucatas, atividades em frente ao espelho, e que estimulam a criatividade e a curiosidade. Essas atividades promovem sim a aprendizagem e o desenvolvimento, porém não podemos esquecer de considerar que falta a compreensão de que em uma turma de berçário não há uma hora específica destinada à atividade, e sim, todos os momentos são significativos, como nas trocas afetivas com adultos na hora do banho, na alimentação, na troca de fraldas, ou seja, o cuidar e o educar se fazem presentes juntos e em todos os momentos do trabalho pedagógico desenvolvido pelas educadoras no berçário.

Para identificar se as educadoras de berçário sentem-se reconhecidas na sua prática pedagógica nas instituições de educação infantil, foram feitos dois questionamentos sobre a temática. Com os resultados obtidos na pesquisa, ficou claro que para muitas educadoras, falta a valorização do seu trabalho, algumas delas simplesmente não responderam a pergunta. A maioria das educadoras apenas citaram o reconhecimento bom, não argumentaram sobre a temática abordada, o que significa que para elas também não há valorização. Isso é um alerta para que se verifique o que está acontecendo, pois como uma educadora que não se sente valorizada pelo seu trabalho, pode realizá-lo com qualidade?

Quando as educadoras foram questionadas sobre como é percebido o seu trabalho pelas suas colegas de trabalho e coordenação, o resultado também é alarmante, pois oito das educadoras responderam entre regular e bom. Isso mostra como está sendo negativo, e porque não dizer prejudicial ao trabalho dessas educadoras. Penso que, essa realidade não se limita somente à estas educadoras que aceitaram participar desta pesquisa, e sim estende-se para as milhares de educadoras do Brasil.

Precisamos refletir melhor e de forma mais aprofundada sobre este assunto que deixou um ponto de interrogação nesta pesquisa. Espera-se que outras pesquisadoras percebam essa necessidade, e abordem em seus trabalhos este problema.

A importância desta pesquisa relaciona-se com a possibilidade de compreender a percepção das educadoras de berçários frente ao seu trabalho pedagógico nas Instituições de Educação Infantil, conhecer a realidade de berçários de natureza diferente, ou seja, instituições públicas e privadas, e constatar o conceito entre o cuidar e educar para estas educadoras, como fator indissociável e inerente ao trabalho realizado na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ACAFE. **Metodologia da Pesquisa**. Unidade 3. Florianópolis, 2007.

ARIES, Philippe. **Historia social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999. Disponível em: www.netsaber.com.br, acessado em 15/out/2009.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei no 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF/DPE/Coedi. 1998.

_____. **Plano nacional de educação**: Lei 10.172 de 9 de janeiro de 2001. Brasília: DF: MEC, 2001.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**. Apresentação dos temas transversais: ética/ministério da educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: 2001.

_____. **Referenciais para formação de professores**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1999.

CERISARA, Ana Beatriz. **Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? Perspectiva**, Florianópolis, n.17, p.11-21, dez.1999.

COCAL DO SUL. **Proposta curricular da educação infantil**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. 2007

FOREST, Nilza Aparecida. **Cuidar e educar**: perspectiva para a prática pedagógica na educação infantil. 2002. Disponível em: www.icpg.com.br, acessado em 15/abril/2010.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. A infância e sua singularidade. In: BRASIL./m **E.F 9 anos**: orientações. Brasília: FNDE- Estação Gráfica, 2006.

MARTINS FILHO. **Infância plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MARTINS, Rosimari Koch; OLIVEIRA, Beatriz de. **Desenvolvimento infantil**: caderno pedagógico. Florianópolis: UDESC, 2003.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**: Fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ORTIZ, Cisele. O papel do professor de crianças pequenas. **Pátio: educação infantil**. Ano 5, nº 13, mar/jun 2007. p. 10 – 13.

OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. São Paulo: Papirus, 2008.

PRESTES, Zoia. professor da creche e da pré-escola: um profissional com formação e compromisso. **Revista Extra-Classe**. nº2, v 2, jul/dez. 2009. Disponível em www.sinprominas.org.br, acessado em 17/abril/2010.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular**: temas multidisciplinares. Florianópolis: COGEN, 1998.

_____. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular**: temas multidisciplinares. Florianópolis: COGEN, 2005.

TRISTÃO, Fernanda Carolina. **Ser professoras de bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. Florianópolis, 2004. Dissertação de Mestrado, UFSC. Disponível em www.ced.ufsc.br, acessado em 29/nov/2009.

VITTA, Fabiana C.F.; EMMEL, Maria Luisa G. **A dualidade cuidado x educação no cotidiano do berçário**. Ribeirão Preto, 2004.

APÊNDICE - A

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA PLENA**

Apêndice A – Termo de consentimento de entrevista Educadoras/Berçário

Pelo presente instrumento, declaro que fui informada, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do projeto de pesquisa intitulado **PERCEPÇÕES DAS EDUCADORAS NO BERÇÁRIO: ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR.**

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa as informações coletadas.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a acadêmica Rosana Possamai Guollo, que poderá ser contatada pelo Tel: (48) 8437-5841 e (48) 3447-0114.

Data:___/___/___

Educadora (a) entrevistada

APÊNDICE - B

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA PLENA

Apêndice B – Roteiro de entrevista Educadoras/Berçário

Dados de identificação

Nome:
Idade:
Área/Ano de Formação:
Outras Formações:
Quanto tempo de atuação na Educação Infantil:
Quanto tempo de atuação no Berçário:

1. Porque você optou pelo curso de Pedagogia?
2. Foi sua opção trabalhar no Berçário nesta instituição?
3. Como você organiza seu trabalho pedagógico no Berçário?
4. Que atividades você destaca como mais importantes no Berçário?
5. Como você avalia o desenvolvimento e a aprendizagem dos bebês?
6. Você cuida ou educa no Berçário? Justifique sua resposta:
7. Você se sente valorizada pelo trabalho desenvolvido no Berçário? Como e quem valoriza?
8. Como o trabalho no Berçário é percebido pelas outras educadoras e coordenação?